

## BOLETIM

DA

## REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

ARCHITECTURA CIVIL  
E  
CONSTRUCÇÕES

N.º 7

ARCHEOLOGIA HISTORICA  
E  
PREHISTORICA

## SUMMARIO D'ESTE NUMERO

## SECÇÃO DE ARCHITECTURA :

Architectura ogival. — pelo sr. J. P. N. DA SILVA ..... Pag. 97

## SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA :

Archeologia historica. — O Foral de Penella — pelo sr. RICARDO SIMÕES DOS REIS..... • 104  
 Explicação da estampa n.º 80 — pelo sr. J. DA SILVA..... • 108  
 Archeologia religiosa na Hollanda — pelo sr. Ramalho Ortigão ..... • 110  
 Resumo elementar de archeologia christã (Continuação) — pelo sr. POSSIDONIO DA SILVA..... • 110  
 Chronica..... • 111  
 Noticiario..... » 112

## SECÇÃO DE ARCHITECTURA

## ARCHITECTURA OGIVAL

Como é proprio da natureza das cousas nas artes, que produzem obras visiveis e que abrangem a extensão cuja manifestação exterior está dependente da materia, como as artes do desenho e a plastica, e entre ellas, principalmente a architectura, não se póde conseguir a sua perfeição senão por um caminho vagaroso e progressivo; pois a faculdade de vencer a materia exige experiencias, tentativas e muitos esforços, além d'um exercicio constante; em uma palavra, é muito mais difficil do que a manifestação do pensamento, seja por meio de palavras, de sons, ou pelo accionado (gestos).

Quando pelo emprego das artes liberaes a antiguidade grega ornava durante seculos os sanctuarios de suas divindades, mostrou allim pelo drama o apogeo da sua perfeição no tempo de Péricles. Depois os celebres artistas da escola de Egina. Phidias creou as obras primas, plasticas, do Parthéon d'Athenas; e desde esse momento vê-se apparecer successivas producções portentosas de grande belleza, entre as quaes a architectura, a escultura e

a pintura, que rivalisavam em magnificencia. A antiguidade grega então se desenvolvia em todos os seus ramos de sciencias e artes. Sobre varios pontos, ficou exhausta, e ultrapassou até as forças humanas. Não aconteceu o mesmo na edade media; o seu estado de formação não foi produzido, como aconteceu no tempo de Péricles, pela reunião de todos os ramos de intelligencia, concorrendo ao mesmo tempo por esse impulso. Seria mui natural achar-se egual resultado nos povos da Europa, depois de terem desaparecido os ullimos vestigios da civilisação antiga. Todavia, a época mais brilhante, pelo contrario, é cheia de juventude, temeridade, vigor, illusões e capricho, devido ao estado de adolescencia. O seculo da edade media, que corresponde ao de Péricles na Grecia, isto é, na sua edade viril, é mesmo muito anterior aos factos geraes, que pareciam dever ser necessarios para os produzir. Não será, pois, para admirar, por esta razão, que a escultura e a pintura ficassem por muito tempo na infancia, e que consequentemente os progressos da architectura se effectuassem tão vagarosamente até tomar de improviso um impulso espontaneo, que a conduziu ao desenvolvimento que

observamos nas construcções das egrejas do fim do seculo XII e durante o XIII seculo.

Foi no X seculo e durante o XI que os novos elementos sociaes se separaram d'aquelles, que tinham sido legados ao christianismo pelas civilisações antigas. Até então os povos do antigo imperio Romano do Occidente e as nações germanicas haviam vivido reunidos, não obstante a firme consciencia de suas nacionalidades, introduzidas e constituidas pelos abalos operados no tempo da grande emigração das hordas do Norte (seculo IV).

No XI seculo apparece uma tendencia nova na arte, resultante dos preliminares d'esta outra phase da ordem social dos povos christãos, constituidos pelas relações socias e populares, então estabelecidas. Formou-se como se fosse o refazer o passado, servindo-me d'este modo de expressar; e com uma tal energia, apresentava as suas novas formas para substituir a primitiva arte christã, transformando-a em textura mais expressiva e mais nobre. O pensamento procurava uma apparencia mais vistosa e mais conveniente; o sentimento mostrava uma representação mais magestosa e mais digna; e, principalmente, offerecia manifestação mais independente e mais prompta nos seus resultados. Para se obter este intuito, cada povo empregou um meio differente, conforme os elementos diversos, de que era composto, e conforme o gráo da sua intelligencia e dos seus sentimentos particulares. Porém, não obstante as differenças numerosas que se notam entre esses povos dos seculos, de que nos occupamos, encontraremos nas suas artes feições geraes e caracteristicas, que nos obrigam a reconhecer que a arte occidental foi universal, progressiva e simultanea em todos os paizes onde foi exercida: todavia, no final do XI seculo, com a architectura Romã ou Romanica, a volta inteira principiou a desenvolver-se e a mostrar uma certa originalidade; libertou-se das fórmulas antigas, mas continuou ainda severa, massica e pezada, sendo limitada na expressão do sentimento dado pelo artista ás suas producções: No seculo XII chega mesmo a ser insensivelmente mais independente e mais formal; assignala nas suas obras uma existencia mais energica e menos monotona do estado social; algumas vezes, chega até a marcar, com um grande rigor, um andamento brilhante e magestoso.

Devemos chamar a attenção sobre os principios constitutivos da architectura Romã, recapitulando o que já aqui expozemos. Este estylo conserva o mesmo plano das antigas basilicas, tendo a fórmula de um parallelogrammo muito oblongo. O absis central sempre fica voltado para o Oriente, sendo constantemente de feição circular. Apresenta tres naves, raras vezes cinco. A capella-mór é mais elevada que o corpo da egreja; tem por baixo con-

struida uma capella subterranea, *crypta*; disposição esta que sempre apresenta. Em lugar de apparecer o tecto com o madeiramento, como era uso nas basilicas, mostra uma abobada engendrada pela metade de um cylindro, collocado horisontalmente em cima das paredes das naves, bem como na capella-mór. Pilares quadrados se levantam até ao nascimento das abobadas, substituindo o lugar das columnas das basilicas. Nas construcções Romãs havia dois systemas de abobadas; o que se formava pela metade de um cylindro, descansando sobre duas paredes parallelas e outro em arestas, formado por duas ellipses encruzadas ao centro, dando n'essa posição quatro arestas, de que resulta uma cruz. Sobre a intersecção do altar-mór e da nave principal com o cruzeiro se ergue (como era habitual nos monumentos byzantinos), uma cupula quasi sempre circular, porém algumas vezes polygonal. Essa cupula assenta sobre uma parte quadrada, ficando sustida nos angulos por uma parte em sacada, chamada *abobada-pendente*.

Na architectura Romã, a extremidade circular, ao Oriente do absis, está coberta geralmente por metade de uma calota espherica. A abobada da nave principal é quasi sempre mais alta que a do altar-mór e este é mais elevado que o absis.

Quando na architectura Romã se servem de columnas, tem ellas diversas proporções; umas vezes são sobre o comprido e delgadas, outras tem formas curtas e grossas. O capitel roman merece attenção particular, pela sua fórmula cubica, e posto que se pareça com o capitel byzantino, todavia não se confunde com elle, pois não tem *ornato algum*.

A architectura romã dos seculos X e XI ainda mostra no seu aspecto uma apparencia achatada; posto que já esteja em progresso, desenvolve-se ainda no seculo XII: vindo a ser mais magestosa, mais esbelta, e mais bem proporcionada nas suas diversas partes, que a compõem, bem como mais harmoniosa no seu conjuncto, e finalmente tem mais leveza e é executada com mais delicadeza. O plano dos monumentos offerece menos superficies cheias; as aberturas se multiplicam e são de maiores dimensões. Nas elevações dos edificios, as partes horisontaes diminuem e desapparecem cada vez mais, principiando a ser divididas por corpos com alguma saliencia; nota-se tambem diminuição de grossura. A linha perpendicular começa a predominar e a chamar a attenção pela sua applicação. Os portaes do templo se alteam; as naves augmentam de elevação; as janellas, ainda sem ter nos intervallos subdivisões geometricas, são comtudo já mais elevadas, apparecendo torres de extraordinaria altura; porém a pyramide polygonal que as cobre tem ainda pouca elevação.

Os monumentos mais completos da transição indicam todos os signaes do estylo que revela a passagem da volta inteira para a da ogiva, assim como a passagem da arte das mãos dos architectos monasticos para as dos architectos seculares. Na decadencia da volta inteira, que teve logar no começo do xii seculo até ao fim d'elle, o perfil mostrando o feitio de um S, foi applicado com profusão; porém, no seculo xiii ficou excluido; posto que para tornar a apparecer depois no meado do seculo xiv, com mais constante acceitação. O contorno d'esta curva marca uma decadencia na falta de gosto, assim como ignorancia total das fórmãs elegantes produzidas pela combinação sabia de figuras e linhas geometricas. No nosso paiz, infelizmente, applicam-na os mestres de obras, que não teem noções das regras de architectura; servem-se constantemente d'essa desastrada fórmã, sendo sempre repetida nas cimalhas por baixo dos telhados das casas, com approvação das respectivas plantas pelas estações officiaes!

Passamos a citar alguns monumentos, os mais principaes, por serem dignos de descrever-se, não só pela sua importante edificação, como por servirem de exemplos que confirmam os principios que expuz ácerca da architectura do periodo a que me refiro.

Um d'elles é a bella cathedral de Chartres, em França, um dos maiores monumentos da época de 1001. A primitiva igreja construida em 838 fôra incendiada pelos Normandos: igual sorte, em consequencia de um raio, teve a que existia em 1020. Ambas eram construidas só de madeira, como foram todas no principio da época antecedente: mas, no meado do xii seculo, concluiu-se a igreja, que actualmente entra no numero dos monumentos mais notaveis que possuem os francezes.

Ha certas tradições que merecem ser mencionadas, não só por nos mostrarem a candidez das gerações passadas, como a sinceridade de suas convicções.

Conforme uma ingenua legenda acreditada durante muitos seculos, os druidas, esses ministros da religião dos Celtas que se extinguiu no vi seculo com o estabelecimento do christianismo, na Gallia, costumavam reunir-se nas impenetraveis florestas para apanhar o *agarico sagrado* (um cogumello que nasce no carvalho); tinham elles por fé esperar a sua salvação por uma virgem mais, á qual erigiam um altar com o titulo: *Virgini Parituræ*. A gruta cellica e o altar mysterioso, quando a salvação foi trazida ao Mundo pela Virgem, filha de David e Jessé, deram logar á construcção d'uma capella, dedicada á Virgem Santissima, mãe de Jesus Christo, templo, cuja sumptuosidade, magestade e decoraçáo pomposa, são celebres no universo! A

piedosa legenda de Chartres não faz parte da historia profana; porém, como muitas outras que se ligam á origem de varios monumentos construidos em gloria de Nossa Senhora, testemunha qual era a devoção dos nossos antepassados e a sua consoladora esperanza.

Tal é tambem a legenda romana, relativa á fundação da igreja de Santa Maria *in Ara Cæli*, em Roma. No templo de Jupiter Capitolino, o imperador Augusto, depois de ter consultado em vão o oraculo de Apollo, viu o céu abrir-se, e sobre o altar, no meio de um circulo de ouro, pareceu-lhe ver uma virgem de belleza encantadora, tendo nos braços um menino. Uma voz dizia: *Hic ara Filii Dei est*. (E' aqui o altar do Filho de Deus). No cume do Capitolio, no sitio onde as superstições pagãs possuíam um asylo, que parecia para sempre inviolavel, vêmos actualmente o altar d' Aquelle que venceu a superstição e a heresia.

Em uma curiosa collecção de *Cancellieri*, lê-se uma narração que tem alguma analogia com a legenda de Chartres. O templo da Paz foi construido pelo Imperador Augusto, em memoria da paz dada ao mundo, depois da victoria de Actium. Quando ficou concluido o templo, o imperador desejava de saber quanto tempo elle poderia durar, consultou o oraculo (como era costume nos tempos antigos), o qual respondeu: *Quoadusque virgo pariat* (até que uma virgem dê á luz). Os romanos receberam estas palavras como uma promessa de immortalidade; porém, durante a noite, na qual o Redemptor nasceu em Bethlêhêm, esse magnifico edificio desabou subitamente, e ficou desde então sepultado debaixo das suas ruinas.

Estas poeticas narrações, que encantavam a devoção ingenua de nossos avós, não merecem inteiro credito, sem duvida; porém agrada encontrar essa candura que attrae e captiva pela sincera convicção que possuíam esses homens simples e de crenças profundas.

O edificio de Chartres surprehendia pela belleza das proporções e magnificencia de sua architectura, quando em 1191 ficou consumido pelas chammas. Esta catastrophe causou consternação geral, mas não tardou que desaparecesse a lembrança d'este desastre. A arte de edificar experimentava então uma transformação que deixou assignalada sobre numerosos monumentos dos mais importantes. Os antigos principios que o genio dos architectos havia modificado para os apropriar ás novas idéas, experimentavam mui consideravel mudança. O seculo xi tinha engrandecido as igrejas afim de adotar uma disposição magestosa e pittoresca ao mesmo tempo, prolongando as naves lateraes em roda do absis, como já explicámos.

O seculo xi veiu inaugurar o systema da ogiva

e descobriu o segredo de se construir as abobadas ogivaeas, com tanta leveza, tão solidas e elegantes na sua configuração.

O seculo XIII mostrou decidida predilecção pela ogiva, como pelas arcadas elevadas e grandiosas janellas divididas por frageis pilarêtes. Os ornamentos recebem então um cunho original, como opportunamente indicaremos. A arte do estatuário, principalmente, estava em progresso e as pinturas sobre as paredes desapareceram quasi em toda a parte; substituíram-n'as os brilhantes quadros pintados sobre as vidraças. A arte do desenho, sobre tudo na architectura e esculptura decorativa, chegou ao seu apogêo. Na antiguidade, no renascimento e nos tempos modernos tem-se feito d'esta arte agradável applicações diferentes, mas não tem sido tão perfeitas.

Para nos convencer, basta examinar o monumento da Batalha. Em nenhuma parte a intelligencia do architecto se exerceu com mais talento e esmerado gosto; admiram-se as fórmias mais agradaveis, e mais bem executadas. Proporções nos corpos, flexibilidade nos contornos, variedade e distincção na escolha dos ornamentos, grandioso na concepção, simplicidade de execução, harmonia no todo, excellencia nos detalhes, enfim tudo é completo e reúne o bello com o sublime n'este estylo ogival.

As vidraças pintadas da igreja não eram inferiores aos mais gabados, taes como de Bourges, Tours, Mans, Capella Santa de Paris. A perspicacia do archeologo reconhece na sua execução a continuação das tradições romano-bysantinas. Os pintores seguiram fielmente os preceitos dos antigos mestres, continuando a imitar as pinturas que cobriam as paredes internas das igrejas edificadas nos seculos XI e XII.

Nas pinturas das vidraças no seculo XIII, como n'aquellas executadas a fresco nos seculos anteriores, os personagens principaes são desenhados conforme um typo facil de reconhecer-se com signaes de convenção que os conhecedores distinguem e comprehendem. Os ornamentos, a architectura, o nexa dos grupos, pertencem a um estylo mais antigo, salvo pequenas mudanças que não são sempre indicio de progresso. E' preciso confessar, a pintura no seculo XIII não seguiu a par o desenvolvimento da estatuaria. Estava até então na infancia, timida, inexperiente; patenteiou todavia de subito um vigor, um arrojo e um caracter que nos causa admiração. Em lugar de fazer estatuas apenas em esboço, hirtas, sem movimento e sem vida, admiramos ver como o cinzel soube animar, no marmore e na pedra, fazendo apparecer os primeiros raios do sentimento. A attitude é natural, o pannejamento é simples e bem ajustado, a

expressão, fim supremo da arte, brilha nos rostos, indicando maior progresso e intelligencia.

Se as vidraças pintadas da Batalha equalavam em merecimento os melhores trabalhos d'este mesmo genero, comtudo as obras de esculptura são muito mais superiores. Em nenhuma parte, na mesma epocha, mesmo em Italia, terra classica das bellas-artes, a esculptura produziu nada de mais notavel.

Na historia da arte moderna, a edificação de Chartres como a de Reims são dois monumentos que todos os artistas devem examinar com muita particularidade para admirarem quanto pode o talento guiado por uma intelligencia fertil e dotada de saber. Pode-se por ventura idear alguma cousa de mais esplendido que o portal meridional d'esta igreja ornado de centenaes de grandes estatuas, principalmente quando todas estas estatuas estavam pintadas e douradas? O tempo, os rigores das estações tem alterado as vistosas cores de purpura e azul, das quaes se descobrem ainda alguns vestigios, mas o maior numero passaram incolumes através dos seculos.

Sobre a separação da porta central está representado J. C. tendo na mão o livro dos Evangelhos, acompanhados dos apóstolos. No timpano se desenvolve, em uma profusão de pequenos grupos, a scena magestosa do dia de Juizo, vendo-se a separação dos justos dos peccadores. Os escolhidos, collocados á direita, vão gosar da bemaventurança no paraizo, os condemnados, postos á esquerda, são precipitados no abysmo do inferno. Sobre o frontão exterior, a Virgem Maria rodeada de anjos domina o templo, de que ella é padroeira.

O comprimento d'este edificio na parte interna, é de 132 metros, a largura de 34<sup>m</sup>,30, a altura das abobadas de 35 metros. O cruzeiro tem 65 por 14 metros. A extensão d'estas dimensões não menos que a disposição da fabrica, produz um vivo sentimento de admiração no espirito d'aquelle que pela primeira vez vê aquelle sumptuoso monumento. A nave composta de 7 arcos ogivaeas, os lados prolongando-se á roda do absis, as galerias superiores, o sem numero de columnas que supportam as abobadas e os *ricones*, as vidraças pintadas, os espelhos rendilhados e as altas frestas, tudo concorre para produzir o effeito mais completo e admiravel, e por isso sem excepção sabios e ignorantes, penetrando no interior d'este magnifico templo, ficam extasiados e commovidos.

Em Inglaterra, a mais notavel abbadia é a de Salisbury; a igreja e o claustro são monumentos de primeira ordem, tanto pela magestade do edificio, como pelo seu aspecto grave, e regularidade de sua symetria; além das disposições architectonicas serem combinadas com muita graça e simplicidade, merecendo um exame especial este monumento, o que

terá logar quando nos occuparmos da architectura ogival da Gran-Bretanha.

Um especimen notavel da architectura religiosa da Allemanha é a bella abbadia de Altunberg, proximo de Colonia, a qual pertence á era de 1214, posto que o caracter d'esta architectura indica a epocha de transição pela simultaneidade do emprego da ogiva e da volta inteira, assim como pela sua ornamentação.

Tambem se faz recommendavel aos archeologos a abbadia de Rommendorf na Prussia, pertencente ao seculo xii.

Na Hespanha temos a soberba abbadia de Santa Maria de las Huelgas, proximo de Burgos, edificada por Affonso viii em 1157, a qual offerece um resumo da historia da architectura em Hespanha, desde o seu desenvolvimento até ao seculo xv, pois que a parte do edificio construida pelo fundador tem esse cunho de severidade e de character athletico da architectura do seculo xii; conserva um claustro do estylo bysantino. Em quanto á capella de D. Leonor, é ornada pelo gosto mourisco do seculo xi, e a capella de S. Miguel brilha com elegante architectura arabe do seculo xiv, além de possuir um delicado vestibulo que conduz ao interior do mosteiro, ligando-o a um outro claustro, obra do seculo xiii onde a ogiva apparece ao lado da volta circular romã.

O estylo do seculo variava pouco d'aquelle dos seculos precedentes, como já tivemos occasião de o declarar. A differença consistia principalmente em as egrejas serem delineadas n'uma escala maior e a sua construcção ser feita com mais solidez. O capitel antigo, corrupção do corinthio, dominava sobre tudo, bem como a pilastra estriada e ornada de arabescos. O arco de volta inteira coroava ainda as portas e janellas, era pezado e achatado e servia igualmente esta curva para a configuração das abcbadas.

No seculo xi a architectura era ainda uma imitação barbara da arte romana. Porém o gosto dos artistas de cada região, os materiaes e os recursos ecclesiasticos tiveram uma grande influencia sobre os diversos desenvolvimentos que se operaram na arte de edificar. Nas esculpturas dos monumentos do seculo xi viam-se muitas vezes representados centauros e outros animaes fabulosos da antiguidade. Isto não nos deve surprehender, pois desde essa epocha o estudo dos auctores classicos se cultivava muito nos conventos; sabia-se de cór Virgilio, Horacio, Juvenal, Cicero e Ovidio; estudando-se com bastante assiduidade as obras de Platão e de Aristoteles.

Onde se conservam magnificos exemplos da ornamentação do seculo xi é na Normandia, em Caen, na igreja de Santo Estevão da era de 1077.

Os povos do Norte da Europa continuaram então a conhecer a Italia, Constantinopla e o Oriente. Os monumentos que iam admirar, augmentavam-lhes o saber; um renascimento completo nas artes teve logar entre elles. Nota-se logo depois da primeira cruzada uma mudança sensivel no uso das armas, nos costumes e na architectura de todos os povos da Europa. Uma influencia oriental indirecta se observa nas construcções dos monumentos no principio do seculo xii.

Foi no começo e durante este seculo, que a ogiva se introduziu na architectura, como já explicámos, porém a maior parte das vezes a sua fórma era só applicada nas cornijas, afim de ligar os cachorros uns aos outros. Na sua ogiva primitiva foi empregada como sendo um ornato. Este ensaio d'uma innovação nas fórmas da architectura, não parece ter dado nascimento á architectura ogival do seculo xiii, pois as ogivas das duas epochas não têm de commum senão o angulo curvilíneo que indica o seu vertice.

Em quanto á ornamentação do seculo xii, apresenta uma imitação variada ao infinito, de facil execução, abundante na representação de plantas exóticas, as quaes eram imitadas com franqueza, apresentando saliencias calculadas para projectarem sombras profundas, e por conseguinte bastante escuras para fazer realçar o contorno d'esses ornatos.

No numero dos edificios da segunda metade do seculo xii citaremos a capella-mór da egr-ja de Centirt, proximo de Caen. Vê-se as janellas circulares, tendo a archivolta ornada de zig-zags e sustida por pequenas columnas. As janellas por este modo construidas, tendo a cornija cachorros em fórma de modilhões para servir de entablamento, indicam positivamente que pertencem á epocha de transição.

O uso das torres nas egrejas data da era de 873, posto que as houvesse já antes, mas eram, assim como as egrejas, construidas só de madeira. O servirem-se de sinos e a necessidade de os conservar deu origem a um novo systema para construir as torres das egrejas.

Ainda que as torres sejam anteriores aos minaretes dos arabes, que ornem as suas mesquitas, todavia os christãos as fizeram tambem isoladas do edificio religioso, principalmente na Italia; parecem ter sido adoptadas para um fim de utilidade e não por uma exigencia da esthetica. Os gregos e os romanos não fizeram nenhum uso de torres para os seus monumentos do culto, e unicamente as construíram na sua architectura militar. E' pois provavel que a torre da idade média fosse para imitar as construcções italianas, pois durante esse periodo, o maior numero das egrejas lhe serviam

de alguma maneira de praças fortificadas: porém os christãos lhe deram um aspecto particular, que é especial ao systema de sua construcção pelo feitio, disposição e numero d'ellas.

A fórma que tinha na antiguidade era quadrada ou octogona, ornada de um soco ou base; as faces ficavam lisas, o cimo coroadado de ameias e tudo acabava por uma cobertura elevada. Em quanto ás torres dos christãos, apresentam uma fórma pyramidal; a agulha era feição indispensavel, e a sua dimensão diminue á proporção que augmenta na sua altura, fazendo separação em cada um dos andares de que se compõe a sua edificação.

Nos paizes onde a architectura religiosa copiou a torre antiga, como aconteceu na Inglaterra, as torres das igrejas são todas de elevação perpendicular, como se fossem inteiriças, sendo tão largas no cimo como na base. Na Allemanha, onde não havia nenhum modelo romano para se imitar, em França onde elles eram raros, davam-lhes uma disposição que preenche as condições da sua applicação.

Como sempre a parte da igreja era fechada do lado do oriente, onde não havia porta alguma, ficando ao Oeste aberta no lugar da entrada principal, pensaram que convinha fortificar esta entrada com duas torres collocadas uma de cada lado do portal, ou edificar uma no centro da fachada, para se defender das correrias dos inimigos. Quando se queria tambem fortificar as entradas lateraes, seguiam a mesma disposição, que tinham feito á entrada principal, levantando-as nos quatro angulos da intersecção da nave com a da capella mór, assim como sobre os cruzeiros: como fizeram na cathedral de Laon, nas igrejas de Cluny, no domo de Bamberg, no de Worms, e igualmente no de Fribourg.

A cathedral de Worms foi edificada em 996, e concluida no fim de 20 annos. Em 1018 a parte oriental do monumento abateu, porém dois annos depois este desastre estava inteiramente reparado. O cimo da torre do Nordeste abateu em 1429 e ficou restaurado em 1472: as capellas da nave são posteriores á fundação.

A cathedral de Worms é uma basilica com tres naves e com um cruzeiro, tem dois altares-móres, um ao nascente, que é limitado por uma fórma quadrada, e outro ao poente, com feitio octogonal. Cada um d'estes altares-móres tem duas torres collocadas uma ao Norte e outra ao Sul. As abobadas da nave são do fim do seculo xiii, tendo pois cinco torres, uma a cada angulo do edificio, duas cylindricas, duas octogonas e de igual fórma sobre o cruzeiro, porém de maiores dimensões, posto que em altura sejam só metade das outras torres. Pertence pois esta igreja á cathegoria dos edificios

romãs das cathedraes com duplo absis, estylo que engendra naturalmente as quatro torres, supprime os portaes da fachada principal e dá só entrada pelos lados lateraes.

Quando se entra n'este magestoso monumento, a impressão é ao mesmo tempo variada e grande. As pinturas a fresco bysantinas, as pinturas flamengas, os bellos baixos relevos do seculo xiii, as capellas de um trabalho mimoso de ogival florido, os tumulos do estylo do renascimento que encerra os braços dourados e coloridos, as entre columnas adornadas de estatuas, compõem um conjuncto tão extraordinario, que todos os estylos, todas as epochas e todas as phantasias saltam á nossa vista ao mesmo tempo; e se invocarmos um dos maiores acontecimentos da historia, ainda nos causará maior assombro este venerando edificio, pois dentro d'elle se reuniu a celebre diéta em 1521, na qual Carlos v declarou Luthero heretico e schismatico, banindo-o do imperio.

Mas a obra prima da architectura da idade média na Europa, a igreja da jerarchia feudal e religiosa existe na cidade de Reims, onde eram sagrados os reis da França.

As antigas prerogativas d'esta cidade lhe deram o jus de possuir uma cathedral mais rica e mais vasta que todas as outras, além de ser a unica que a sua construcção ficasse completa. Situada em um immenso valle, no centro de uma extensa planicie rodeada de montanhas, de qualquer lado que se avance, descobre-se desde logo, a uma grande distancia, esse colosso monumental que se contorna no vasto horisonte que a circumda, parecendo ser uma massa compacta e pesada, tal como nos acontece quando de longe se avista a igreja e convento de Mafra; porém, á medida que se approxima d'aquella cathedral, parece tomar vida e animar-se, julga-se ver estender os seus arcos botantes, acredita-se o perceber um movimento nos seus contrafortes, nos seus botaréos, pinaculos, como nas suas flechas, na infinidade de estatuas e de santos que povoam esse mundo de pedra. Junto do portal principal, o espectador fica surprehendido e attonito. Em primeiro lugar, ao rez-do-chão se apresentam tres portaes gigantescos, dos quaes as hobreiras são ornadas de figuras, em numero de 35, tendo cada uma de altura 2<sup>o</sup>, 45; estes portaes estão coroadas com uma abobada, e as ogivas ornadas por 5 renques de figuras mais pequenas que as primeiras, representando os personagens do antigo testamento, separados uns dos outros por uma faxa vertical coberta de flores e folhagens. Só na arcada do centro vêem-se 80 d'essas figuras: na arcada esquerda e na direita ha 120! A linha exterior da ogiva das abobadas está coroadada por um tympano agudo formado de dois lados semelhantes ao trian-

gulo isosceles, e ornado de folhas do feitio de cogulos; por cima d'estes tres portaes, ao centro, debaixo de uma elevadissima ogiva, apparece o grande oculo, o delicado espelho dividido em 12 principaes partes: á direita e á esquerda erguem-se os coruchéos rendilhados e esguios, tendo como remates uma maior e quatro pequenas agulhas ornadas nas arestas egualmente por cogulos, contendo estatuas de grandes dimensões: estes coruchéos disfarçam os contra-fortes que servem para consolidar as torres. No terceiro andar, finalmente, ha uma elegante galeria aberta, sustida por delgadas columnas coroadas de frontões elegantes, e em roda das torres estão collocadas estatuas collossaes em numero de 42, representando os reis da França.

Apparecem depois as duas torres octogonas tambem com rendilhados flanqueados nos 4 angulos de torrinhas hexagonaes, egualmente rendilhadas, em duas das quaes ha uma escada em espiral de uma grande delicadeza, cuja idéa e execução foi obra ousada. Estas torres de igual altura não se concluíram, mas sabe-se que deveriam terminar por uma flecha similhante ás da cathedral de Strasbourg e de Fribourg. As torres de N. S. de Reims têm mais de 68 metros de elevação.

Não emprehendemos descrever o exterior, o fundo do côro com os seus botaréos, arcos butantes, erguidos com tanta temeridade e arrojo. Não fallaremos tão pouco d'essas faces exteriores lateraes, d'esses pilares, principalmente os que estão ornados de coruchéos rendilhados, formados de quatro columnas e de um remate gracioso, apresentando uma grande flecha central com oito lados, ornada de folhas e cogulos angulares, limitados por uma cruz, cujas extremidades são compostas de folhagens, frechas flanqueadas por quatro outras mais pequenas no mesmo estylo. É preciso ver e examinar muito tempo para se comprehender este curioso conjunto de linhas e de superficies, em resaltos, em sacadas, planos perpendiculares, horizontaes e obliquos, esta multitudine tão variada de partes cheias e vasadas!

Se o exterior é grandioso, o interior da cathedral é magestoso. O plano forma uma cruz não sómente pelo desenvolvimento dos quatro lados de cubo com augmento para o Occidente, como era a regra primitiva, mas aqui a hastea perpendicular da cruz na planta estende-se mais do que se fazia no anterior seculo, principalmente para o lado do Poente. Tem oito unidades de Oeste a Leste e quatro de Sul ao Norte que produzem ao todo 12 numeros. O final oriental do côro é formado por quatro columnas e dividido por cinco espaços. Cinco capellas rodeiam o sanctuario, apresentando cinco lados, pois são construidas pelo traçado de um decagono. A nave principal tem 10 espaços, o cru-

zeiro compõe-se de outras tres naves de 30 metros de Norte ao Sul. O comprimento total da igreja é de 138<sup>m</sup>,94 e a largura de 30<sup>m</sup>,29. A altura por baixo do fecho da abobada é de 38<sup>m</sup>,33. A frente interior occidental da nave, sobre a qual está o grande espelho ou oculo, apparece ornada de 52 nichos elegantes, cada um dos quaes contém uma figura em relevo. Foi em 1211 que a primeira pedra se assentou, mas um incendio havia destruido em 1210 a antiga cathedral principiada e concluida no seculo ix. Para a ogiva chegar ao seu completo desenvolvimento foram precisos 75 annos, apparecendo no dominio real proximo da capital de França, onde vinham convergir todos os talentos e todas as descobertas, que deu origem á architectura ogival.

O insigne architecto Roberto de Coucy em 30 annos concluiu este famoso monumento; o talento do artista não encontrou nenhum obstaculo, e, cousa rara na idade média, rara mesmo em todos os tempos, o plano geral de tão grandiosa fabrica não soffreu alteração alguma durante a sua execução, e por isso a igreja metropolitana de Reims apresenta á nossa admiração um monumento inteiro homogeneo, sem alterações e enxertos extranhos ao seu estylo.

O aspecto interior é muito magestoso, pois deve-se reconhecer que unicamente a architectura ogival pôde produzir tão maravilhoso effeito. As diversas partes d'este monumento ligam-se entre si com esmerada elegancia; as columnas são fortes, as arcarias bem assentes, de maneira que a solidez não appareça em parte alguma sacrificada aos labores da ornamentação. As frestas e os espelhos guarnecidos de vidros coloridos, deixam passar atravez uma luz serena e modificada, a qual favorece a perspectiva, espargindo claridade mysteriosa sobre todos os objectos que ornam este soberbo templo.

Transportemo-nos pelo pensamento a essa antiga cidade de Reims, para presenciarmos as magnificas ceremonias da sagração d'um rei. Os dois ultimos a quem fizeram essa pomposa cerimonia foram o desventurado Luiz xvi, que nas mãos do algoz terminou sua attribulada existencia, e Carlos x que por mal aconselhado perdeu a corôa em 72 horas! N'aquelles dias de gala, as ruas da cidade enchiam-se de multidão anciosa de gosar a festividade. De todas as partes brilham os estandartes, o luzido das armas, a riqueza das equipagens, os uniformes sumptuosos e variados. Os clarins fazem soar nos ares estridentes tangeres; os sinos deixam ouvir ao longe os seus sons festivos; o da grande cathedral que não pesa menos de 14:000 kilogrammas domina todos os ruidos com o seu estrondoso som, Luiz vi vae ser sagrado em 1775 pelo cardeal arcebispo e duque de Reims.

Os paramentos reaes vieram da egreja de S. Diniz, logar onde se guardavam as insignias da grandeza e fragilidade dos reis de França: as corôas ao pé dos tumulos! Esses ornamentos compunham se da corôa de Carlos Magno, de ouro massiço, enriquecida de rubis e saphiras, forrada de um bonnet de setim carmezim e tendo no remate uma flôr de liz de ouro ornada de 36 perolas orientaes; o sceptro, egualmente de ouro esmaltado e guarnecido de perolas orientaes, tem dois metros de comprimento; no extremo vê-se a mão da justiça, de ouro massiço, ornada de rubis e perolas. Ali figuraram a espada do proprio Carlos Magno, cujo punho e guarda são tambem de ouro, a bainha coberta de veludo com flores de liz d'ouro, a fivela do manto real tambem de ouro, ornada de 18 rubis com 4 pontas de pedras brilhantes e bordado de perolas orientaes, as esporas de ouro cravejadas de rubis.

O templo cheio de todos os titulares e damas, as pessoas reaes em tribunas proprias, e os amphitheatros construidos entre os pilares apinhados de pessoas distinctas. Esta assembléa apresenta o espectáculo mais vistoso e admiravel. A vista ficava turva por ver reunida tanta riqueza e pela variedade de vestuarios. Antes do juramento os bispos perguntam á assembléa, aos grandes, ao povo, se aceita Luiz XVI para rei. Depois das aclamações costumadas em semelhantes circumstancias, o arcebispo convida o rei a prestar o *juramento do reino*. Durante este juramento solemne toda a assembléa está de pé e voltada para o rei, as vestimentas e insignias reaes estão expostas sobre o altar. O rei avança e recebe a espada, symbolo do poder supremo; e para defeza dos direitos dos fracos, a qual nunca deve ser tirada para satisfazer a sua ambição ou as suas vinganças. Depois da prostração e do canto das ladainhas, o rei recebe as unções; é então revestido com as insignias reaes, o arcebispo mette-lhe no dedo um anel de subido

valor, põe-lhe o sceptro na mão esquerda e a mão da justiça na direita. O prelado, ajudado de todos os pares, ecclesiasticos e seculares sustentam por cima da cabeça do principe a corôa de Carlos Magno, e pondo-a, recitam uma oração.

A egreja de S. Paulo em Issoire dá uma idéa bem clara da posição relativa das diversas partes que constituem as fórmulas correspondentes ás basilicas romãs mais completas.

Nota-se o nascimento da torre central, que se eleva por cima de uma cupula sobre abobadas pendentes, a base quadrada da torre; é a parede exterior do santuario guarnecida de mosaicos, ornamentação vistosa. O telhado do santuario está ornado de um frontão, o qual limita um acrotero. A roda do santuario gira um andar de janellas descrevendo um semi-circulo alternado de nichos quadrados

As empenas levantam-se por cima da arcada. Na parte interna, abrange cada capella absidal o logar que occupam baixos relevos representando diversos signos do zodiaco, assim como as pequenas janellas que dão luz ao jazigo do santo que ali se venera. A parte do cruzeiro é abobadada por quatro cylindros para dar resistencia á cupula, em quanto que a outra parte tem abobadas com fórma cylindrica. A capella central tem contrafortes pelas outras capellas absideas; a empena do cruzeiro tem um ornato que esconde a intersecção dos telhados compostos de ameias de pedra e entrelaçados uns nos outros. As paredes do santuario e do absis têm embutidos de mosaicos preto e amarello, formando xadrez, estrellas, triangulos e florões. Os telhados das capellas têm pouca elevação e estão cobertos de telhas de canaes. São estas as fórmulas que caracterizam a architectura d'este periodo.

(Continua).

J. P. N. DA SILVA.

## SECÇÃO DE ARCHEOLOGIA

### ARCHEOLOGIA HISTORICA

#### O Foral de Penella

(Continuado do n.º 6, pag. 90)

E' ponto averiguado que foi Fernando Magno o primeiro monarcha que concedeu foral a terras portuguezas. E' tambem certo que a carta de fóro mais antiga, de que em Portugal resta memoria, é a concedida por esse rei simultaneamente a S. João da Pesqueira, *Penella*, Paredes, Linhares e An-

ciães, entre os annos 1055 e 1065, sendo, portanto, estes os primeiros municipios portuguezes; e que o apographo da *Penella* é o que parece ter sido o primeiro na ordem dos tempos, pois é o unico que foi confirmado por D. Afonso I.

Mas ha nos limites do reino, como hoje se acha constituido, e da parte, que n'esse tempo ou pouco depois, estava sujeita á corôa de Leão, duas terras, de tal ou qual importancia relativa, que se chamam *Penella*; uma ao norte do que é hoje districto de

Vizeu, outra no extremo sul do actual districto de Coimbra. Qual d'ellas recebeu esse primeiro foral? Eis o problema que vamos resolver. E não será este, por ventura, o unico resultado do nosso humilde trabalho; porquanto, havendo, como ha, no continente portuguez, mais povoações com o mesmo nome d'aquellas, de que necessariamente temos de occupar-nos, diremos o bastante para, na materia sujeita, evitar futuras confusões.

Não obstante as cautelas com que arrisca, em geral, suas opiniões, Alexandre Herculano enganou-se, quando, transcrevendo, nos *Portugaliae Monumenta Historica*, o foral, dado a Penella pelo infante D. Afonso Henriques, em julho de 1139 (aliás 1137), e provavelmente expedido de Tuy, <sup>1</sup> o precede da seguinte observação: *Ipsi Penelae cui forale Ferdinandus Magnus dedit, hoc videtur concessum.* <sup>2</sup>

A Penella de que se trata n'este foral, como se vê claramente do pequeno extracto que d'elle vamos fazer, é a do districto de Coimbra: — «*In dei nomine. Ego Adefonsus Infans filius Harriaci comitis et Regine Tharasie facio cartam donationis et firmitudinis vobis homines de Penella cunctisque ibi habitauerit dono atque concedo vobis meum Castellum cum suis terminis... Cujus uero isti sunt termini de illa cabeza de mata furada et fert in dueca<sup>3</sup> et uadit ad illam cabeza de Albarol<sup>4</sup> et fert in illa taliada et uadit per illo lombo raso et fert in illa uia antiqua da serra et quomodo currit aqua ad illum flumen de Asie<sup>5</sup> et uadit per illum flumen et fert in directum ad ipsum portum de lagenas et pergit a cabeza de ouelia et descendit per illa ualle de pito et uadit a figueiroa<sup>6</sup> et intrat in illa aqua de ladca<sup>7</sup> usque in illo ulmar et fert in cabeza de mata furada. Dono atque concedo vobis ipsum castrum cum suis optimos foros...*»

Não resta a menor duvida de que é a Penella do districto de Coimbra que pertence este foral. Vê-se pelas confrontações, algumas das quaes ainda hoje conservam o mesmo nome, taes como *Dueça*

(dueca), *Albarrol*, *Alge* ou *Alja* (Asie) <sup>1</sup>; como tal vem incluído no Tombo d'esta villa, mandado fazer pelo infante D. Pedro, duque de Coimbra, senhor d'ella, por alvará de 14 de novembro da Era de 1438 (de Christo 1420), assignado por sua mão e expedido de Cantanhede; <sup>2</sup> como tal, emfim, tem sido sempre considerado.

Adeante diremos por quem foi confirmada esta carta de fóro, e se mais alguma lhe foi concedida; advertindo desde já que, se fossemos a dar credito — *de visu et auditu* — ao que, sobre o assumpto tem corrido, como boa moeda, nenhuma terra do reino teria sido mais mimoseada com estes favores da realza.

Passemos agora á analyse do foral, por Fernando Magno, concedido simultaneamente a São João da Pesqueira, *Penella*, Paredes, Linhares e Anciães.

Transcrevendo este foral nos *Portugaliae Monumenta Historica* <sup>3</sup>, diz Alexandre Herculano nas observações preliminares: «De todos os foraes concedidos a terras de Portugal, cuja memoria chegou até nós, o mais antigo é este, dado por Fernando Magno a cinco castellos, ou villas fortificadas, nas terras da provincia Portugalense, por elle conquistadas. E' o unico foral de Portugal que simultaneamente constitue varios municipios; o que nos leva a crêr que a cada um d'estes cinco castellos provavelmente foi dada uma carta, apographo de um unico diploma; de nenhuma d'estas, porém, resta o primitivo exemplar; as que existem encontram-se descriptas nas confirmações feitas pelos reis portuguezes depois da desmembração de Portugal do reino leonez. E conquanto este diploma diga respeito a cinco municipios distinctos e por isso deva julgar-se que a cada um d'elles foi conferido seu, pareceu-nos poder, sem inconveniente, deixar de os transcrever todos; não só porque o texto, salvas lições varias, introduzidas pelos copistas, é quasi o mesmo; mas por que por este só diploma, como já advertimos, foram constituídos aquelles cinco municipios. Ha muitos apographos authenticos, ou pelo menos anteriores ao xv seculo: dois do foral de São João da Pesqueira (*Sancti Johannis de Pesca-*

<sup>1</sup> Hist. de Port., vol. I, pag. 490. Nota in fine.

<sup>2</sup> Port. Mon. Hist. Leges et consuetudines, vol. I, pag. 371.

<sup>3</sup> É o rio Dueça, que n. na aba oriental do Monte de Vez, atravessa os concelhos de Penella e Miranda do Corvo e deságua no Ceira.

<sup>4</sup> É um logarejo, da freg. e conc. de Miranda do Corvo, na extrema dos dois conc. Miranda e Penella.

Ha tambem dentro dos limites do conc. de Penella um sitio chamado — Mattas ou Soutos de Albarrol.

<sup>5</sup> É o rio Alge, que n. na vertente oriental da serra da Louza, tambem chamada de S. João d'Alcouchel, no seu prolongamento pelo conc. de Penella.

<sup>6</sup> Cham.-se Venda das Figueiras, freguezia da Cumieira, conc. de Penella.

<sup>7</sup> É hoje o Rabaçal, s'de de freg. conc. de Penella. Em tempo de D. Afonso III já tinha ambos os nomes *Ladega* ou *Rabazal*.

Viterbo, *Elucidario*, art. Ladéra.—Port. Mon. Hist. Foral de Germanello.

<sup>1</sup> É, evidentemente, corrupção de *Alje* (Alje).

No exemplar, em portuguez, do seculo xiv, existente na Torre do Tombo e tambem descripto nos Port. Mon. Hist., lê-se *Alja*. No foral de Figueiró dos Vinhos, conc. limitrophe, e no foral da Arega, hoje freg. do mesmo conc., lê-se *Algia*.

<sup>2</sup> Este documento é importantissimo. Por elle se prova que o celebre duque de Coimbra não sahiu de Portugal para correr as *sete partes do mundo*, em 1416, logo depois do regresso de Ceuta, como opinam alguns. O historiador allemão Schaefer diz que elle sahiu em 1424: o mais provavel, porém, é que elle desse começo ás suas extraordinarias viagens em principios de 1421; o que não prejudica a opinião corrente de que essas viagens duraram 12 annos, uma vez que se admitta a hypothese do ter casado com a condessa de Urgel, D. Isabel (1429), mesmo em Aragão. Já estava em Portugal, quando morreu D. João I, em 14 de agosto de 1433.

<sup>3</sup> Port. Mon. Hist. Leges et consuetudines. Vol. I, pag. 313.

ria), quatro do de Penella (*Penellæ*), tres do de Paredes (*Paredes*) e quatro do de Anciães (*Ansilanes*); faltam exemplares do diploma conferido a Linhares; talvez porque a esta povoação foi dado um novo e diverso foral, depois da independencia do reino, por se haver perdido ou obliterado o primeiro. O mais antigo é o de *Penella*, pois que parece confirmação original de D. Affonso I, e por isso dará o texto para esta publicação. . . .<sup>1</sup>

Seguem depois algumas outras considerações, que por brevidade omitimos, e por fim a transcrição do foral. Extractaremos sómente a ultima parte, unica que importa ao nosso proposito.

«*El terminum de penella per rio et per costoias<sup>2</sup> et per uale de piisco<sup>3</sup> et fer in rio torto<sup>4</sup> et inde pala damendous<sup>5</sup> et per monte furado et fer in carapito<sup>6</sup> et inde in tavala<sup>7</sup>. Ego inclitas rex alfonsus et suo filio r x sancius in hanc kartam. . . . propria manu ROBORAMUS. . . .*»

Este foral foi confirmado por D. Affonso II, no mez de outubro da Era 1255 (de Christo 1217).

Os I e II exemplares não dizem onde foi dada esta carta de confirmação.

—*Facta karta mense octobris Era M.<sup>o</sup>CC.LV.<sup>o</sup>*

Os III e IV dizem que foi em Trancoso.

—*Facta karta apud Trancosum mense octobris Era M.CC.L.<sup>o</sup>V.<sup>o</sup>*

Os exemplares II, III e IV só differem do I nas desinencias de algumas palavras e em os III e IV dizerem *rium tortum* onde o I e II dizem simplesmente *rio*; notando-se todavia alli a falta de uma palavra — «*et terminum de penella per rio<sup>8</sup> et per costoias*».

E' indubitavel que todos se referem á mesma *Penella*, e que esta é a do districto de Vizeu, mas, já agora, vejamos as confrontações do foral de Paredes, para que sobre o ponto se derrame toda a luz.

Diz este foral: «*Isti sunt termini de paredes, diuidit com fonte arcada<sup>9</sup> per ponte uetera como*

*intrat aqua de gavielo deinte per cabeça de torgaes deinte per cabeça de outro uale de eruedosa<sup>1</sup> et ripario que uenit de machanaria<sup>2</sup> deinde p r castellum de CARAPITO, deinde per lagenam que est inter albito ferrario et petro rubo deinde como uadit ad lagenam de porto de tavarelas deinde diuidit cum PENELLE deinde por nido de grou. Deinde per capud de corvaceyra. Deinde como uadit ad castineyra<sup>3</sup>. Deinde ad capud de agieyra deinde diuidit cum trevões<sup>4</sup> per lagenam que est sulus mulinum de Petro petriz deinde per cabeça de lintilae. . . . Deinde como uadit per cimam de TAUARA ad ponte de fumo. Deinde como uadit per cimam de TAUARA desuper ponte uetera usque in gavielo» (Exemplares I e III) «*paredes diuidit per pelagus desuper pontem ueteram de TAUARA quomodo uadit per cabeça de torgaes. . . . et ezinde per castellum de CARAPITO. . . . et diuidit per lagenam de porto de tauarela quomodo diuidit cum pena de dono<sup>5</sup> et cum PENELLA. . . . et per enfesta de pacioo<sup>6</sup> quomodo uadit ad TAUARAM» (Exemplares II e IV).**

Este foral foi igualmente confirmado por D. Affonso II por carta datada de Guimarães, dia 4 de julho da Era 1256 (de Christo 1218). Já tinha sido confirmado por D. Sancho, pois que na carta de D. Affonso II se diz: «*roboro et confirmo. . . quam pater meus Rex donnus sancius. . .*»

O foral de S. João da Pesqueira não tem confrontações. Foi confirmado por carta de D. Affonso III, datada da Guarda na Era 1294 (de Christo 1256).

O de Anciães (Carrazeda de Anciães), tem as confrontações seguintes: *per littore Dorio de cabeça de requixo usque in fraga de azaiam et per portela de mauro usque in cima de ualle de torno cum suas teleiras usque in cruce de freisinel<sup>7</sup>*.

Foi confirmado ainda por D. Affonso II, por

<sup>1</sup> Traduzimos em vulgar o texto latino de Herculano, por nos parecer util.

<sup>2</sup> Costoias, freg. do conc. de Foscoa, distr. da Guarda.

<sup>3</sup> Serra do Pisco, cuja maior elevação é perto de Trancoso.

<sup>4</sup> Rio Torto, n. perto de Sebadelhe e desagua no Douro, um pouco acima do Tavora. Sebadelhe é freg. do conc. de Foscoa, distr. da Guarda. Recebeu foral de D. Affonso II, em 1220.

<sup>5</sup> Almendra, freg. do conc. de Foscoa, distr. da Guarda.

<sup>6</sup> Carapito, freg. do conc. de Aguiar da Beira, nas faldas da serra do Pisco, á esquerda do Tavora. Aguiar da Beira, no distr. da Guarda, recebeu foral de D. Affonso III, em 1258.

<sup>7</sup> Tavora, freg. do conc. de Taboão, proxima do rio do mesmo nome, no distr. de Vizeu.

<sup>8</sup> E' quasi certo que este espaço em branco denota hesitação da parte dos copistas, que, não conseguindo decifrar a palavra que o preenchia, preferiram calar a errar. Os copistas do III e IV exemplares foram mais ousados, talvez por mais ignorantes; entenderam cortar a difficuldade, escrevendo *rium tortum* quando deveriam ter escripto *rium tavaram* ou *tavalam*. E' este o nosso juizo.

<sup>9</sup> Fonte Arcada, freg. do conc. de Sernancelhe, na margem direita do Tavora, distr. de Vizeu. Recebeu foral de Sancia varoniz em 1193. A villa de Sernancelhe recebeu foral de Egas Gundesendiz em 1124; foi confirmado por D. Affonso II em 1220.

<sup>1</sup> Ervedosa, freg. do conc. de S. João da Pesqueira, distr. de Vizeu.

<sup>2</sup> Macieira, freg. do conc. de Sernancelhe.

<sup>3</sup> Castanheira, freg. do conc. de S. João da Pesqueira, na esquerda do rio Torto, distr. de Vizeu. Tanto o rio Torto, como o Carapito apparecem tambem, como vimos, no vizinho ex-município de Penella.

<sup>4</sup> Trevões, freg. do conc. de S. João da Pesqueira.

<sup>5</sup> Penedono, villa e conc. a que pertence Penella, no distr. de Vizeu. Recebeu foral de D. Affonso II, em 1195.

<sup>6</sup> Passó, freg. do conc. de Moimenta da Beira, distr. de Vizeu.

<sup>7</sup> Freixiel, freg. do conc. de Villa Flôr, distr. de Bragança n'um valle da serra de Carrazeda. Para se vêr que é este o Freixiel de que resa o foral de Anciães, transcrevemos algumas das confrontações do foral, que lhe foi dado pelo prior do Hospital (*prollo do espirital de todo portugall*), entre os annos 1195 e 1209. «. . . e dessi as Hagias de cima do ual torno. . . e dessi á cruz de medeiro de uillarinho. . . e dessi ao uazo ancho por meio dauga de ryo tua». O Villarinho de que aqui se falla é o chamado Villarinho da Castanheira, freg. de Carrazeda d'Ansiães, d'onde dista 9 kil.

O valle Torno é limite commum a Freixiel e Anciães; o rio Tua nasc. na Galliza, entra em Portugal na provincia de Tráz-os-Montes, e desag. no Douro, de fronte de Soutello, freg. do conc. de S. João da Pesqueira, passando proximo de Freixiel.

carta feita em Guimarães, em abril da Era 1257 (de Christo 1219).

Do foral de *Linhares*, como diz Herculano, não se encontrou exemplar algum; por isso não se sabe positivamente de qual das povoações d'este nome se trata; mas quasi se pode afirmar que é *Linhares*, freguezia do concelho de Carrazeda d'Anciães, d'onle dista 5 kilometros, ao sul.

Parece-nos que, em vista das transcripções que deixamos feitas e das notas illustrativas de que vão acompanhadas, conseguimos demonstrar plenamente não só que a *Penella*, á qual foi concedido foral por D. Affonso Henriques, é diferente d'aquella a que Fernando Magno o concedeu, mas tambem quaes as verdadeiras povoações, a que este ultimo foral foi, simultaneamente, concedido, d'entre as muitas que em Portugal existem, de identicos nomes. Cahi, pois, em erro Alexandre Herculano quando disse que a *Penella*, que recebeu foral do infante D. Affonso Henriques, parece ser a mesma que já o tinha recebido de Fernando Magno.

Se Alexandre Herculano conhecesse, como nós, a topographia da villa e municipio de Penella, no districto de Coimbra, onde nos honramos de ter nascido; ou tivesse simplesmente comparado as confrontações acima transcriptas, não teria emittido aquella opinião, á qual a sua auctoridade dava grande peso. Ambas estas povoações foram, é verdade, conquistadas por este rei leonez; mas uma ficava quasi no extremo norte, outra no extremo sul do então chamado territorio colimbriense; a que primeiro recebeu foral é hoje uma simples freguezia do concelho de Penedono, no districto de Vizeu; a que o recebeu depois é ainda hoje séde de concelho, tendo sido sempre considerada como uma das mais nobres villas de Portugal, no districto de Coimbra.

Foi, certamente, a identidade de nome das duas povoações que induziu a este erro o grande historiador, como já tinha induzido quasi todos ou todos os que o precederam; e, ainda ultimamente, o auctor do, infelizmente, tão pouco consciencioso e tão descuidado dictionario, *Portugal Antigo e Moderno*, e o distinctissimo escriptor, o sr. Pinheiro Chagas, no seu aliás muito util e accurado *Diccionario Popular*. E' de notar que, geralmente, se attribuiam á *Penella* do districto de Coimbra ambos os foraes, e alguns outros, que eram apenas cartas de confirmação dos mesmos. A razão d'isto está na sua secular importancia e nobreza relativa.

Em 1881 publicou-se um livro — *Noticias de Penella* — onde se repetem todas estas inexactidões. Esta publicação, que, por motivos ponderosos, não quizemos subscrever, comprehende grande quantidade de escriptos nossos (diz o prologo que demos *esclarecimentos importantes*), uns reproduzidos quasi

fielmente, outros completamente mutilados ou adulterados, de envolta com innumerous apontamentos historicos, transcripções d'actas camararias, etc.; quasi tudo, porém, conservávamos ainda sem a devida coordenação e demorado exame, a que devia ser submettido, antes de sahir a lume. Eram materiaes accumulados desde muitos annos, e que representavam algum trabalho, por certo digno de melhor sorte. Pela impropriedade da occasião e do logar, nos abstemos de historiar aqui as peripécias que precederam e acompanharam esta publicação, e cujo resultado lamentamos.

O foral de Penella (districto de Coimbra), concedido em 1137 por D. Affonso Henriques, sómente foi confirmado por D. Affonso II, em Coimbra, no mez de novembro de 1217; só D. Manuel lhe deu novo foral, em Lisboa, no 1.º de junho de 1514.

O rei venturoso concedeu, como todos sabem, novos foraes a quasi todas as cidades e villas do reino; o que foi uma das medidas mais uteis do seu governo, attenta a grande confusão e desordem, em que laboravam a justiça e a administração do paiz, que em grande parte se baseavam nos velhos foraes.

Para concluir, diremos que as cinco povoações, que receberam identico foral de Fernando Magno, quando, em 1057<sup>1</sup>, entrou a primeira vez por terras de Portugal, ficam todas ao norte do que então se chamou territorio colimbriense: Penella, Paredes e S. João da Pesqueira, na margem esquerda do Douro; Linhares e Anciães (Carrazeda de Anciães) na margem direita do mesmo rio e esquerda do Tua; ao passo que a outra Penella, que recebeu foral do infante D. Affonso Henriques, em 1137, fica ao sul do Mondego e foi conquistada pelo mesmo Fernando Magno quando, em 1064<sup>2</sup>, segunda vez entrou em Portugal para extender o seu dominio até Coimbra; cidade que, ficando séde de um novo districto<sup>3</sup>, nunca mais voltou ás mãos dos sarracenos.

D. Sisnando povoou o castello de Penella, bem como o de Arauz (Arouce—hoje Louzã), Cantanhede,

<sup>1</sup> Devemos suppor que foi logo depois da conquista que elle concedeu aquelle foral. Fernando Magno morreu em 1065.

<sup>2</sup> *In era M.º C.º II.º* (de Christo 1064) *Intrauit rex dominus fredenandus cui sit beata requies in civitate Colimbriam... et prehendiuit eam de tribubus ismahelitarum...* (Doação feita por D. Sisnando de uma herdade, junto de Coimbra, para ali se fundar uma igreja. — Port. Mon. Historica. — Diplomata et Chartae).

<sup>3</sup> *Tempore illo quo serenissimus rex dominus fernandus ego consul sisnandus accepi ab illo potestatem colimbrie et omnium civitatum suae castellorum que sunt in omni circuito ejus scilicet ex lameco (Lamego) usque ad mare per aquam fluminis durii (Douro) usque ad omnes terminos quos christiani ad austrum possident que illo gladio suo et regali dominatione adiuuante deo abstulit a sarracenis et restituit christianis dedit que predictus rex michi supradictam terram totam ad edificandum et populandum et faciendum cuncta que bene visa fuerint....*

(Documento de 1088, do Livro Preto — Port. Mon. Hist. — Diplomata et Chartae).

Monte-Mor-o-Velho e Tentugal (que parece ter sido sua patria<sup>1</sup>), mas nem Fernando Magno nem elle lhe deram foral; se um ou outro lh'o houvera dado, é de presumir que o infante D. Affonso Henriques, em vez de lhe conceder uma nova carta de fôro, como concedeu, se tivesse limitado a confirmar a de seu bisavô ou a de seu logar-tenente.

Coimbra, 1 de março de 1887.

O socio effectivo

RICARDO SIMÕES DOS REIS.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA N.º 80

Posto que conste na Europa, para não dizer em todo o mundo, qual era a subida importância artistica e archeologica dos objectos de que se compunham as preciosas collecções que el-rei o Senhor D. Fernando II, de saudosa e veneravel memoria, possuia no palacio das Necessidades, por mais fertil que fosse a imaginação de um illustrado amator de antiguidades, nunca poderia suppôr o extraordinario conjunto de centenaes de objectos raros e valiosos pela materia assim como pelo seu primor de execução, d'esses exemplares ali reunidos de todos os generos e regiões, nem acreditaria que houvesse em Portugal uma tão selecta escolha de esmerados productos artisticos, que adquiriu durante 42 annos este Principe, um dos mais desvelados e competentissimos colleccionadores de antiguidades não só nacionaes como estrangeiras. Felizes os que tiveram a regalia de verem e examinarem tão soberbo e incomparavel museu existente em Lisboa.

Quando no castello da Pena, já então avançava rapidamente o seu mortal padecimento, el-rei me fez vêr dois admiraveis vasos gregos, que havia pouco tinha comprado, vasos que ornavam, com outros e escolhidos artefactos, o seu elegante gabinete na sua habitação de Cintra, depois de lhe ter gabado a belleza da forma d'aquella preciosa ceramica, exclamei: que todos os objectos artisticos e archeologicos que encerravam os seus aposentos, tanto de Lisboa como de Cintra, faziam suppôr pelo conjunto d'elles, e suas respectivas composições haverem sido executados expressamente para guarnecerem a sua habitação, e por esta no-

<sup>1</sup> *Ego sesdantius david proles (filho de David) gratia dei consul colimbriensis. . . testis et do et concedo . . . hereditatibus suas ganavi et populavi et edificavi in heremo. . . et medietatem de villa TENTUGAL que fui de hereditate parentum meorum (metade da villa de Tentugal que herdei de meus paes)... et medietatem de villa de CANONIEDE (Cantanhede) et in angliata sub castello SANTA EOLALIAE (Monte Mor-o-Velho) duas villas ad integrum arazed et lamasma (Arazedo — e Lamassosa ?) . . . et medietatem de illis castellis que ego populavi ARAUZ ET PENELLA (Lousã e Penella).*

(Testamento de D. Sismundo, conde de Coimbra, em que institue herdeiros de seus bens sua filha Geluira e a igreja de Mirleus, por elle fundada. — Port. Mon. Hist. — Diplomata et Chartae).

tavel particularidade, pela sua belleza e valor, produziam mais extraordinaria admiração. Louve-lhe igualmente a sua superior intelligencia e apurado bom gosto para ir procurar por toda a parte essas antiguidades, não o detendo o excessivo preço afim de gosar do seu real merecimento e contemplar os com a satisfação de um verdadeiro conbecedor das obras primas de todas as épocas e origens! Respondeu me com o seu tão agradavel modo: *Diga tambem a minha excessiva paciencia de esperar a oportunidade para os descobrir, e conseguir reunil-os todos da mesma época, a fim de ficar completa a decoração dos meus differentes aposentos.*

Mal sabia este amavel Principe, que por pouco lhe restava o legitimo prazer de os contemplar.

E' bastante para sentir que essas singulares collecções não possam estar publicas para serem visitadas pelos amadores de antiguidades e pelos artistas nacionaes, onde encontrariam modelos magnificos e especiaes em todo o genero de obras e materia para lhes inspirar obras dignas de apreço, as quaes concorreriam igualmente para o progresso artistico da nação.

Estas sentidas e patrioticas considerações deverão dar, de certo, maior interes-e para se examinarem as seis photographias que se publicam com este numero do *Boletim*, as quaes representam fielmente os principaes aposentos do rei artista, pertencentes ao palacio real das Necessidades, em que figuram os varios objectos dispostos pela propria mão do Senhor D. Fernando, que, com tanto encanto ornava a sua residencia. Estas vistas darão uma idéa da magnificencia archeologica, de que infelizmente teremos de deplorar o lamentavel *deselemento*, com a perda de tão precioso museu!

A primeira photographia, A, mostra a sala d'armas, que serve de sala de espera, e era no tempo dos frades do convento das Necessidades um gabinete de physica; sendo hoje o seu principal adorno um grande painel, pintura a oleo, de grande merecimento, do celebre pintor Holbein, o qual descansa sobre um rico fogão com esculpturas, e em cima d'elle veem-se primorosos objectos de marfim e bello metal. Grandissimas bacias da China sobre pés torneados, estão collocadas com symetria aos lados d'esse fogão; ficando pendente do tecto um vistoso lustre de metal dourado, de elegante fórma que chama a attenção dos entendidos. Entre os vãos das janellas armas antigas, dispostas em trophéos, brilham reflectindo pela luz que recebem do Nascente. Na janella do meio d'esta sala está um guerreiro trajando em todo o rigor da idade média e montado n'um cavallo ajaezado conforme se usava n'essa época. O cavallo é copia d'aquelle que o Principe preferia para os seus passeios.

DA

Real Associação dos Architectos Civis e Archeólogos Portuguezes

Estampa 80



A



B



C



D



E



F

Musêu Artístico e Archeológico d'El-Rei D. Fernando

NO

PALACIO DAS NECESSIDADES

1887

Ao centro da mesma sala ha uma urna de superior trabalho e elegante de forma, que attrae a attenção dos amadores de objectos raros. Saindo de esta passa-se a outras duas salas, cuja porta fica em frente do grande painel já citado.

A sala immediata á de entrada, que pela porta representada na photographia apparece aberta, deixa ver a sala de armas, tambem está guarnecida de quadros escolhidos e de mobilia e objectos de grande estimação, notando se entre elles um soberbo contador de tartaruga de subido trabalho artistico. Uma mesa de delicada esculptura com fino marmore que a cobre, no brilho do qual se reflecte uma elegante urna de Sevres, encimada pela figura de Pallas; além de paineis e outros objectos de louça do Japão, um vistoso tapete e um lustre de crystal completa a decoração d'esta segunda sala, *B*.

A photographia *C* apresenta a primeira sala que serve para a bibliotheca na qual as paredes estão todas guarnecidas por bellas estantes de pau santo que encerram obras dos principaes auctores, em diversas materias e linguas, com apuradas encadernações, contendo para cima de 10 mil volumes. Por cima d'estas estantes um sem numero de objectos de ceramica das antigas e celebres fabricas, com delicadas fórmas e de incomparavel belleza, enchem todo o espaço que ellas podem offerecer.

Grandes mesas de apurada esculptura em distancia uma das outras, teem ricas pastas pesadas de gravuras raras, que fazem parte da soberba collecção de mais de 15 mil estampas de todas as escolas de eximios artistas de diferentes nacionalidades. Commodas *fauteuils* convidam á leitura n'esse recinto em que as bellas artes e a litteratura têm um templo condigno da sua especial applicação.

Espaçosas janellas dão bastante claridade para melhor se poder apreciar e admirar esse conjuncto de attractivos causando tambem agradável satisfação considerar a importancia material e intellectual que esta bibliotheca encerra. Quadros com gravuras e placas dispostas convenientemente concorrem para ornar a rica bibliotheca; e um delicado lustre de filigrana de vidro, tendo por principal adorno duas aguias encimadas de coroas, como é o brazão da casa de Austria, completa esta maravilha artistica e archeologica.

A respeito d'este *bijou* do lustre, dizia-me o chorado Principe, fazendo ver esta aquisição que havia obtido em Veneza. *Poderia suppôr-se que fosse encomendado para esta sala, pois está proporcionada para a sua grandeza e pela delicadeza do seu feitio e transparencia da materia não destroe a harmonia da decoração, e mesmo parece augmentar o espaço em que os objectos figuram. E accrescentou: Custou-me barato, dei doze mil francos por elle.*

Se estas salas causam indelevel satisfação pelo seu agradável aspecto, mais nos deverão interessar examinando os quartos reservados em que vivia este notavel Principe, onde tudo está assignalado pela sua presença, como por haverem sido tantas vezes contempladas e atrahirem-lhe a attenção tão pr. morosas obras reunidas pela sua esmerada e intelligente apreciação.

A photographia *D* mostra o gabinete particular do Principe, vendo-se, entre duas janellas, a primorosa secretaria cheia, a não poder conter mais, de objectos de subido apreço, tanto pela sua qualidade, como, sobretudo, pela perfeição da sua execução.

Este *cofre artistico de joias*, porque era ali que estavam reunidas as mais valiosas obras de arte, pode-se dizer que vale mais do que tudo que enche as outras salas, não obstante o seu avullado numero, riqueza e perfeição.

A pequenez d'esta vista photographica apresenta sómente um limitado numero de obras que compõem esse thesouro de antiguidades, entre as quaes figura um painel que está avaliado em 46 contos de réis, e um diptyco esmaltado, de superior merecimento. Posto que seja muito resumida esta descripção, todavia poderá formar-se idéa de quanto seria para lastimar que Portugal ficasse privado de tão admiravel collecção, não sómente pela recordação do seu augusto colleccionador, mas tambem pelos preciosos exemplares, que serviriam de instrucção aos artistas nacionaes.

Ha n'este gabinete uma notavel particularidade, de ter sido no vão de uma janella, que fica á esquerda da secretaria, o *atelier do rei artista*; pois como as paredes do convento das Necessidades são de extraordinaria grossura, havia no intervallo d'essa janella espaço sufficiente para o trabalho de PINTAR FAIANÇA!

N'esse vão de janella foi onde o Senhor D. Fernando pintou com mimosa execução 178 diferentes peças de louça, tendo todas a sua firma no reverso. Bastaria esse facto historico de ter n'esse quarto produzido o Principe tão especiaes obras para importar o dever de se conservar a recordação do local em que o real artista creou a sua fama de excellente pintor de faiança.

As duas photographias *E* e *F* mostram o lado opposto do mesmo gabinete, fronteiro á secretaria; reproduzem vistas quasi semelhantes, porém tiradas de dois pontos diferentes, a fim de ficarem os objectos principaes visiveis no seu melhor aspecto.

Em uma alta e linda *étagère* estão objectos de prata lavrada e outras preciosidades; por cima na parede ha um quadro antigo; na parte que forma o angulo do gabinete vê-se uma outra *étagère* com feitio diverso e tem as suas prateleiras cheias de objectos de precioso metal e não menos estimação

artística, ornando o lado esquerdo um commodo sophá, por cima do qual está um magnifico diptyco de esmalte de admiravel trabalho, que se destaca entre os quadros de differente natureza, que guarnecem as paredes, completando tão vistoso conjunto uma mesa torneada posta em frente do sophá: egualmente ha sobre ella objectos de marfim e de prata chamando a attenção dos admiradores de antiguidades, que, por tanta dedicação archeologica, ficam attonitos e encantados.

Nos outros paizes mais ricos e adiantados em civilização, ha mais d'uma d'essas colleções de muito merecimento e valor, mas não causam grande admiração, porque estão os estrangeiros costumados a vel-as e aprecial-as todas as vezes que desejam; porém, o facto de haver em Portugal sómente estas magnificas colleções de escolhidos exemplares, e que mui poucas pessoas conhecem, faz com que sejam reputadas como dignas de pertencerem á nação a fim de se conservar um tão admiravel museu, accrescendo o merecimento de terem sido feitas por um Principe tão sympathico e estimado pelo povo portuguez. Seria, pois, muito para desejar, se se fizesse leilão do espolio do Senhor D. Fernando, que Portugal o arrematasse, e talvez sem grave encargo para o paiz, se o parlamento destinasse a verba que estava designada para a *dotação annual do rei artista*, e fosse applicada a amortisar a importancia d'aquella aquisição, como se o Principe continuasse a existir durante aquelle periodo; certamente seria avultada a quantia, porém a nação não ficava prejudicada, porque possuía o valor correspondente ao custo da compra: além de conservar-se para o paiz um tão admiravel museu, que serviria tambem de monumento artistico erigido á memoria do seu augusto fundador.

Consta que um dos interessados n'este espolio, dissera: *Estas colleções não d'vem sair d'aqui (Necessidades). Os herdeiros conservarão o direito que tem á parte que lhes pertencer, mas conservando-as intactas no logar em que ficaram postas pelo Senhor D. Fernando, não só como recordação do seu apurado gosto artistico de apreciador de archeologia, como pela fama que teria este museu em Portugal entre os outros museus existentes na Europa.*

Quão nobre é este pensamento e manifesta illustrada opinião de quem a expoz.

E' agora costume muito louvavel nos paizes cultos mandar collocar uma lapide no predio em que uma pessoa distincta nas letras, sciencias ou artes, falleceu a fim de ficar commemorada qual a habitação em que exhalou o seu ultimo suspiro. D. Fernando, habil pintor de cerâmica, em Portugal, ficará porventura privado da mesma distincção? Talvez; porque era modesto e foi pessoa real.

POSSIDONIO DA SILVA.

## ARCHEOLOGIA RELIGIOSA NA HOLLANDA

### Particularidade curiosa

E' ao clero catholico, e principalmente á esclarecida iniciativa de um arcebispo de Utrecht, G. W. van Heukelum, que se deve na Hollanda o singular movimento dos ultimos annos na renovação do ensino pratico das bellas artes e no desenvolvimento do gosto publico!

O clero catholico, que nos paizes catholicos tão indifferente se mostra quando se não mostra adverso á resolução de todos os problemas estheticos, é na Hollanda a classe mais solícita na conservação ou na restauração dos antigos monumentos, das velhas cathedraes do seculo XI ao seculo XVI, e no collocionamento e classificação technica de todas as preciosidades artisticas e principalmente das que servem de documentos á historia da arte christã. Para este fim existe uma rigorosa legislação diocesana regulando os minudentes cuidados empregados pelos bispos, pelos parochos e pelos fieis no intuito de dar á igreja catholica a gloria de demonstrar pela sua acção nos progressos artisticos a força e a effcacia da sua poderosa organização hierarchica.

Todas as restaurações architectonicas feitas nas naves, no côro, nas fachadas das igrejas, nos porticos, nas torres, nos campanarios, nos lanternins dos edificios catholicos de Utrecht são perfeitas de arte e de sciencia archeologica.

As antiguidades colligidas no museu archiepiscopal, alfaias de igreja e de sacristia, marfins, crystaes, esmaltes, manuscriptos, illuminuras, feragens, encadernações, filigranas, vestimentas, estofos, bordados, mil objectos tão diligentemente procurados em todas as igrejas e em todas as sacristias da antiquissima diocese e tão sabiamente classificados n'este archivo de caracter artistico, constituem um dos mais preciosos monumentos que tenho visto para a historia da igreja, para a historia da vida monastica e para a historia da arte christã na idade média.

A Hollanda — RAMALHO ORTIGÃO.

## RESUMO ELEMENTAR DE ARCHEOLOGIA CHRISTÃ

(Continuado do n.º 6, pag. 95)

### CAPITULO II

**Summario.** — Estylo Latino — Estylo Bysantino — Fórmãs das Basilicas — Origem da Basilica Christã — O Narthex — Orientação das Basilicas e Igrejas Christãs — Igrejas cruciformes, circulares e polygonaes — Cryptas — Baptisterios — Oratorios domesticos — Templos pagãos e edificios profanos apropriados em Igrejas Christãs — Systema e regras de construção — Decoração monumental — Narthex, fachadas e portaes das Basilicas — Janellas e a maneira de as vedar. — Madeira do cume dos edificios — Torres — Pinturas representadas em mosaico — Pavimento nos edificios — Altares — Ciborium — *Ambon*, Tribuna para as leituras da Biblia — Poltrona para os bispos e bancos para os sacerdotes — Cemiterios — Monumentos funerarios — Sarcophagos — Tumulos sub-

terraneos — Objectos com symbolos christãos achados nas sepulturas — Alfaias religiosas — Calices e Patenas — Custodias — Relicarios — Pombas e torres — Accesorios do altar — Corôas de metal precioso suspensas sobre o altar — Dipli-cos — Encadernação dos livros dos Evangelhos — Estofos reli-giosos — Paramentos sacerdotaes — Jesus Christo sob formas symbolicas — Os Apostolos S. Pedro e S. Paulo.

*Periodo Latino e Bysantino.* A architectura christã pôde considerar-se dividida em dois ramos perfeitamente distinctos. O primeiro, que se poderá chamar o *Estylo Latino*, foi adoptado pela igreja Latina, isto é, na Italia, na Illyria, na Dalmacia e em toda a Europa Occidental. É caracterizado pela imitação mais ou menos correcta da architectura classica, greco-romana. O outro estylo, formado por elementos orientaes e romanos, nasceu em Constantinopla, e ahi se desenvolveu, formada sob a influencia Oriental, uma configuração inteiramente nova: deram-lhe o nome de *Bysantino*.

O Estylo Latino predominou no Occidente até ao principio do seculo VIII; e o Estylo Bysantino no Oriente, até á tomada de Constantinopla pelos Mu-sulmanos, em 1453.

Chamou-se *Latino* o estylo do imperio do Occi-dente, em primeiro lugar porque, derivando do Es-tylo Romano ou Classico, foi empregado nos paizes em que a lingua *latina* era a lingua ecclesiastica e vulgar; em segundo lugar, porque existiu tanto tempo como aquella lingua, approximadamente.

O Estylo *Bysantino* tem o nome derivado de By-sancio ou Constantinopla, capital do imperio do Oriente.

*Estylo Latino.* A architectura greco-romana che-gou ao seu apogêo durante os dois primeiros se-culos da era christã. A sua decadencia começou no seculo III, afastando-se da nobre simplicidade do Estylo Classico.

No seculo IV, ainda mais se pronunciou a sua degeneração.

Começaram então a desmanchar os antigos mo-numentos para em seu lugar construir e decorar mais facilmente os novos. Tal era o estado da ar-chitectura no Occidente, quando foram construidos os primeiros monumentos christãos do periodo *La-tino*.

*Fôrma das basilicas.* As *basilicas profanas* eram vastos edificios construidos no *Forum*, ou nos arredores das praças publicas. Serviam para ponto de reunião dos vendedores, assim como de outros individuos que se occupassem de negocios. Era n'ellas que os magistrados administravam Jus-tiça.

As *basilicas christãs* foram construidas segundo o modelo das basilicas profanas; sómente, em vez de se construírem ao longo das praças publicas, eram precedidas de um *pateo* quadrado, com o fim de as afastar do ruido e do tumulto da rua. Tinham, como as basilicas profanas, a fôrma

d'um rectangulo mais ou menos alongado e com-punham-se de tres partes principaes — o *pateo* ou o *atrium*; a *nave* e o *Sanctuario*.

O *narthex* abria-se ao fundo do atrium. Era uma especie de vestibulo, propriamente dito, for-mado pelo portico transversal contiguo á fachada da basilica.

Esta primeira parte da basilica era occupada, durante o officio, por aquelles a quem as leis eccle-siasticas prohibiam tomar parte nas assembléas dos fieis.

Do *narthex*, entrava-se por uma, tres ou cinco portas para a basilica, que era ordinariamente dividida em tres naves por duas ordens de colum-nas.

A da direita, reservada para os homens, e a da esquerda para as mulheres.

(Continua).

POSSIDONIO DA SILVA.

## CHRONICA DA NOSSA ASSOCIAÇÃO

O dia 15 de maio foi designado por Sua Alteza o Principe D. Carlos para serem distribuidos os pre-mios aos alumnos do *Curso elementar de Archeolo-gia*, no Museu do Carmo. Não podendo assistir Sua Alteza por estar ausente da capital, nomeou para o representar o seu ajudante, tenente coronel, sr. No-vaes Telles, que abriu a sessão solemne á uma hora da tarde. Tinham sido classificados pelo jury, na 1.ª parte do curso, *archeologia prehistorica*: Maximiano de Deus Monteiro, approvado com o 2.º premio de réis 25\$000 e louvor; Luiz Eloy Callado Junior, com menção honrosa; Antonio Telles Machado Junior, com approvação simples.

Na 2.ª parte, *archeologia historica*, obtiveram appro-vação e o 2.º premio de 25\$000 réis, D. Antonio José de Mello e Maximiano de Deus Monteiro; e Al-fredo d'Ascensão Machado, approvação simples. Os diplomas e premios foram entregues aos srs. alum-nos pelo representante do Principe Real.

Depois do relatório lido pelo professor do curso o sr. Possidonio da Silva, em que informava a assem-bléa haverem-se matriculado 72 estudantes, ficando já 15 laureados n'este curso, obteve a palavra o alumno Maximiano Monteiro que fez a leitura da res-posta que deu aos 36 pontos do exame da 2.ª parte d'este curso, e que foi ouvido com interesse do audi-torio pela maneira como havia desenvolvido o as-sumpto e satisfeito ás provas de sua applicação.

Além dos socios da Real Associação, e entre os convidados, pessoas distinctas pela sua representação e saber, achavam-se o contra-almirante conselheiro Francisco Maria Pereira da Silva e o secretario do emin. Patriarcha, Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos, os quaes em 1867 haviam frequentado as preleções, que o sr. Silva tinha dado no Museu do Carmo acerca d'architectura monumental dos povos da antiguidade.

A's 2 1/2 horas findou a sessão, sendo conduzido pelo professor e alguns socios até ao portal do edifi-cio, onde com toda a amabilidade se despediu o distincto ajudante d'ordens de Sua Alteza Real.

Mr. dr. Massy, medico do conde de Paris, desejando vêr o museu da nossa Associação, pediu ao secretario do Principe Real, sr. conde de S. Mamede, para avisar o presidente dos architectos de que receberia ás 2 horas do dia 15 de maio a visita d'e-te distincto facultativo. Mr. Massy viu com satisfação as nossas colleções archeologicas e fez elogio de haver tambem em Portugal exemplares prehistoricos de grande interesse scientifico.

O sr. Possidonio da Silva recebeu da Sociedade Academica Franco-Hispano-Portugueza de Toulouse um officio em que se lhe dirigiam as seguintes phrases: — *Tendo a honra de vos contarmos no numero dos socios, rogavamos que concorresseis pessoalmente para a exposição das sociedades scientificas, enviando não sómente as vossas publicações inseridas no « Boletim da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes », mas tambem todas aquellas que tiverdes publicado em separado.*

E' n'este intuito que scariamos reconhecidos se nos enviásseis, o mais breve possivel, a colleção extrahida do Boletim das Sociedades a que pertenceis e de vossas publicações sobre qualquer ramo de litteratura ou de arte.

Pela estreiteza do praso de tempo, não era possivel satisfazer cabalmente a tão distincto convite, tendo apenas o sr. Possidonio escolhido entre as suas publicações os seguintes trabalhos impressos em separado do Boletim; a saber:

*Descrição artistica das novas salas do real palacio da Ajuda, 1865. — Elogio historico do architecto civil José da Costa Sequeira, 1873. — Elogio historico do architecto membro do Instituto mr. Victor Baltar, 1774. — Mémoire de l'archéologie sur la véritable signification des signes qu'on voit gravés sur les anciens monuments du Portugal, 1867. — Dissertation artistique sur l'architecture en Portugal, depuis le XII au XVII siècle, 1869. — Souvenir du Congrès international d'Anthropologie pré-historique en Boulogne, 1872. — L'Assainissement de la ville de Lisbonne, lu dans le Congrès pour l'avancement des sciences, à Bordeaux, 1872. — Notice historique et artistique des principaux édifices religieux du Portugal, 1873. — Relatorio dos trabalhos effectuados em 1886 pela Associação dos Architectos Civis, 1867. — Notice sur les monuments mégalithiques du Portugal, 1879. — Découverte des Haches d'un type nouveau en Portugal, 1880. — Mémoire sur l'inscription très ancienne gravée et peinte sur un rocher en Portugal, 1885. — Relatorio apresentado na sessão solemne da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes em 1881. — Relatorio lido na sessão solemne da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes em 1886.*

## NOTICIARIO

No Egypto acabam de se descobrir pinturas feitas sobre madeira de sycomoró tendo sido achadas em Fayoum, n'um tumulo. Suppõe-se que pertencem ao periodo greco-romano, terceiro seculo da era actual.

Uma inscripção encontrada com diversos objectos que continha o referido tumulo, principia por estas palavras: *Tumulo de Julius, soldado, natural da aldeia de Philadelphia...*

As pinturas representam dois retratos, de desenho correcto; um é de uma joven senhora com o cabelo apartado em *bandeaux* sobre a testa, tendo nas orelhas grandes brinços; o outro é de um mancebo, do qual representa sómente a parte superior do busto.

Em Roma, proximo da Porta Angelica, a commissão archeologica descobriu um monumento funerario d'um sapateiro, da epocha de Trajano. O busto executado com grande expressão está collocado em um nicho rectangular com frontão sobre o qual ha duas fôrmas representando a *Caliga* com todas as suas correias: por baixo do busto está gravado o seguinte:

C. TVLIS. HELIVS. SVTOR. A  
PORTA. FONUNALE. FECIT. SIBI. ET  
IVLIAE. FLACCILLE. FIL. ET. C. IVLIO  
ONESIMO. LIBERTO. LIBERTAVSQVE  
POSTERISQVE. EORUM. V. F.

Um abastado russo, amator de musica, que tinha residido muitas vezes em Paris, legou uma rebeça de *Stradivarius* ao conservatorio nacional de musica da capital, com a expressa determinação de que qualquer rebequista laureado d'esta escola terá a honra de tocar no concerto da distribuição dos premios, para se ouvir a sua execução n'esse bello instrumento.

A continuação das investigações dos monumentos historicos em Tunes tem feito descobrir, a alguns metros do aqueducto de Bulla Regia, vestigios de pequenas casas com o pavimento de mosaico representando passaros entre figuras geometricas.

O amphitheatro está construido fóra da cidade a 500 metros, o eixo maior tem 60 metros e o menor 45 metros; em altura tem tres filas sobrepostas de galerias. O *podium* conserva se em grande parte.

As medalhas encontradas nas escavações são todas de bronze. Duas são púnicas e têm no reverso o cavallo de Carthago; as outras tem as effigies de Maximiano, Claudio, Aureliano, Probus, Valentiniano, Cezar, Diocleciano e Constantino.

Em Colombiers, França, foi achado um *vaso gallo-romano*, que estava soterrado a um metro proximo do cemiterio da igreja de Colombiers. Era costume collocar nos nichos d'uma camara sepulchral as cinzas dos finados depositadas nas urnas (*olla*); eram collocadas duas a duas, como os ninhos dos pombos, d'onde lhes veiu o nome de *Columbarium*.

Este vaso, que os antigos auctores designavam com o nome de *sinus* e *d'alveus lactis*, era representado nas sepulturas christãs dos primeiros seculos atado a um *p-dum* (cajado de pastor) e suspenso ao braço do Bom Pastor, ou depositado aos seus pés.

Celebraram na Italia o quinto centenario da fundação do zimbório de Milão. Documentos descobertos recentemente, deram a conhecer que esta celebre construcção tinha principiado no mez de fevereiro de 1387.